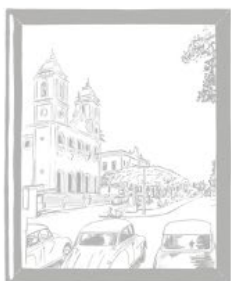
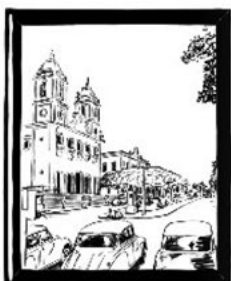


O RIO A CIDADE O TEMPO O MUNDO

CARLOS PAIVA





O RIO A CIDADE O TEMPO O MUNDO

CARLOS PAIVA

CARUARU-PE, 2023.

FICHA TÉCNICA

Produção executiva

Walmiré Dimeron - WDimeron

Projeto gráfico

ModPix Studio

Ilustrações

César Siqueira

Capa

Wilson Moraes

Diagramação

Wilson Moraes e César Siqueira

Revisão gramatical

Renato Almeida e Helen Martins

Copyrigh © Carlos Paiva, 2023

Paiva, Carlos.

O rio a cidade o tempo o mundo / Carlos Paiva; prefácio [de]

Walmiré Dimeron; ilustrações: Cezar Siqueira; diagramador

Wilson Moraes e Cezar Siqueira. - Caruaru, PE : WDimeron, 2023.


Livro Digital.

Produção executiva de : Walmiré Dimeron.

1. Poesias brasileiras. 2. Poemas.

ISBN: 978-85-65180-10-8

Todos os direitos desta edição reservados para Carlos Paiva.



A todos os que já beberam
a água de Caruaru e aos
que ainda beberão.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO	10
O RIO ESQUECIDO	14
A MORADA DE LUZIA	53
O MOURA	94
DOIS MUNDOS	116

APRESENTAÇÃO

Por Carlos Paiva

Este é um livro que fala de amor. De amor por Caruaru.

Como não amar essa luz leitosa das manhãs che-
gantes, que brinca de escorregar pelas encostas do
Monte Bom Jesus e que mansamente inunda a cidade
com uma luz boa, amornada, que pinta as casas de paz
amanhecadora e a alma de todos de uma leveza pronta
pra voar?

Como não amar os mestres incorpóreos do Mou-
ra dominando a arte da terra, da água, do fogo e do ar,
domando os elementos, dando forma ao barro e o fa-
zendo respirar para mostrar que a cultura de um povo
preenche o tempo e o espaço de tudo aquilo que não
morre nunca?

Como não amar o bairrismo do caruaruense que
transformou a cidade em um país? E ai daquele que
duvidar dessa verdade incontestes.

Como não amar o pó, a poeira levantada pelo
turbilhão de pés arrastados entre os bancos da Feira
de Caruaru? A feira de Onildo e Gonzaga, Babel de to-

das as vozes gritadas, Órion constelada no chapéu de Lampião, é o gibão do vaqueiro, quando monta alta-neiro, o seu cavalo campeiro, nos vazios do sertão.

Como não amar um rio que teima em não ser esquecido, que luta para não morrer envenenado pela omissão dos homens, pela ambição dos homens?

Como não amar as noites frias de junho, quando a alegria é do tamanho do mundo?

Como não amar Caruaru?

É disso que se trata esse livro.

É um livro de amor.



PREFÁCIO

Por Walmiré Dimeron

Uma grata surpresa reencontrar o amigo Carlos Paiva, que, num passado recente, com sua ética profissional e sua presteza, foi um parceiro solícito e atencioso.

Dessa vez, não o encontro em expediente burocrático, rodeado de gráficos e formulários frios, mas, sorridente, falando-me de um livro – o primeiro da sua lavra – e, ainda honrando-me com o convite para prefaciá-lo, tarefa prazerosa, mas, quase desnecessária diante do irretocável texto de apresentação do autor.

A surpresa do reencontro só não foi maior que o deleite que o texto me proporcionou. O título sugestivo O RIO - A CIDADE - O TEMPO - O MUNDO, é um convite e prenúncio do rico conteúdo tão bem definido pelo seu autor: um livro de amor à Caruaru, com reminiscências que seu olhar sensível colecionou e que agora, traz à lume, de forma fluída, densa, lírica e bem arquitetada.

No seu passeio pelo Ipojuca, um denso e comovente retrato da sua lenta agonia a caminho da morte, da solidão daquelas águas tão repletas de memórias e tão negligenciadas.

A modernidade da sua ode a Onildo e Gonzaga, como um galope, sem fôlego, é, na verdade, um tributo a Feira velha, à Feira grande de todos nós, com seu ritmo alucinante de pregão secular, impregnado de tradições. Mais adiante, ele recorrerá a essa mesma linguagem em sua telúrica homenagem a Vitalino, Galdino, Manoel Eudócio e Zé Caboclo, tudo posto num grande forno, com barro marcando de ocre o branco do papel.

No seu passeio quase telúrico, reencontro ícones da nossa terra, como se subisse ao Monte, apontando de lá, os marcos da nossa identidade, perdidos na selva de pedra, no emaranhado de concreto.

Num dos trechos, de relance ou de lampejo, uma frase me lembrou Condé, numa feliz comunhão. Impossível também não evocar a presença de Lycio Neves, nosso poeta modernista tão desmerecido e quase esquecido, cujo estilo identifico no livro.

Resta-me fazer ainda um último elogio: a riqueza e destreza no uso da língua, tornando sonora e elegante a pronúncia, pelo uso de termos pouco usuais nesses novos tempos.

Revela maturidade literária como um veterano quando, por exemplo, assim se expressa: ***“As cidades são azuis no anoitecer e vermelhas na alvorada”***, ou, ainda: ***“As torres das catedrais se elevam e apontam o céu para os desesperados”***.

Ao final, me fez lembrar que andam por aí, ainda, incógnitos e quase invisíveis, os sonhadores, que resistem bravamente à desumanização, à brutalização. ***“São almas cor-de-giz suspensas em f os deluar”***.

Agradeço duplamente: como caruaruense, a homenagem e, também, a distinção por este convite.

Boa leitura.



O RIO ESQUECIDO



I

Um rio.
Um rio parido
do útero de pedras das porteiras.
O rio esquecido.
Não possui a ganância
do Solimões,
nem o lume de fogo brando
do Francisco,
tampouco as plumas
do Capibaribe.
Simplesmente o rio
das águas de raízes podres.
O reservatório:
de tudo o que não presta,
de tudo o que dói,
de tudo o que é descartável,
de tudo o que não vale mais a pena, de
tudo o que lembra desprezo,
de tudo o que fede.

É veia seca entupida,
fluxo amputado,
asfixiado,
agonizaaaaando...
E o cheiro acre da pestilência:
no vento,
nas margens,
na praia tumular.
Ah...
a loucura humana... a loucura humana...



II

Branco é o verão da terra-cardeal.
Clarão comprido borrando os céus,
apagando azuis e nuvens,
e engolindo a serra das porteiras
com sua goela funda e quente,
digerindo as sobras do dia
com a fome dos abandonados.
Quanto tempo há em um milhão de anos?
Quanto tempo cabe em um segundo e meio?
Nessa hora-branda sem minutos,
onde inexiste espaço-tempo,
quando a fornalha do céu se apaga,
virando cinzas nos olhos brancos
do andarilho cego.

Quando o vento rosna e uiva e sibila,
é tempo de medir o tempo.
Não em horas, em dias, em anos,

O RIO ESQUECIDO

mas no tempo exato da métrica,
entre a inspiração e a expiração.

A medida da vida é essa.
O tempo do tempo é esse.

O olho d'água que brota
é um rio,
sem pecado original
(O pecado vem depois, com o homem).
É olho d'água, é olho d'água, é olho d'água.
É o olho de Hórus, também
olho grego e olho da providência.
Chora o olho das porteiras
no rosto crego da pedra mãe,
vincando rugas no chão braseiro.

As vezes vem devagar,
como a lágrima vagarosa,
penetrando em cada poro do rosto,
adivinhandando o terreno antes de decidir
qual caminho se derramar plena.

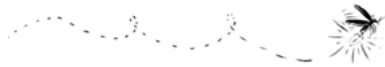
O RIO ESQUECIDO

O caminho é o que importa,
pois ele dirá se a viagem
é o destino escolhido
ou a aventura insensata de um rio
que se perdeu para sempre
nas vísceras do chão neutro.

Outras vezes vêm num turbilhão desatinado,
levando areias e galhos e pedras, empurrando
tudo o que o impede de seguir.
Em frente, sempre em frente
e para baixo, encosta abaixo.
É choro desesperado,
é choro de berro, de dor aguda,
dos gritos ancestrais rudimentares,
dos tempos seculares que se cumpriram.

É o ritmo do tambor do tempo,
é o ritmo, sempre o ritmo:
pam, pam, pam, pam...
tum, tum, tum, tum...
A água barrenta do Ipojuca

batiza a terra,
as gentes
e os bichos.



O destino de um rio é o mar,
é sua morte e sua redenção.
Morte,
porque não é mais rio.
Redenção,
porque se torna dilúvio.

Oceano é a amálgama de todos os rios;
de todos os mares;
de todas as chuvas;
de todas as águas.
É lá que o Beberibe,
se mistura com o Mississipi.
Que o Potengi se funde ao Nilo.

O RIO ESQUECIDO

Que o Tâmis se une ao Orinoco.
É lá, que os rios
perdem a personalidade de rio
e somem da geografia,
somem da história.
Desaparecem do tempo,
para ser só água.

III

A noite se esgueira lenta
no teatro de sombras do ocaso.
E sua língua preta
lambe os restos de luz
esquecida no azul encardido.
Rasteja ofegante
nas paredes curvas do firmamento,
e se deita, pesadamente, no chão do horizonte:
seus grandes olhos de ópio
espreitam a eterna insônia do universo.
Um rio também não dorme.
Não tem tempo.

O tempo é um relógio cuco
sem ponteiros.
O tempo não sabe o que é passado,
presente e futuro.

O RIO ESQUECIDO

O tempo é casualidade, mais nada;
o tempo só passa, mais nada;
o tempo só leva, mais nada;
o tempo é só, nada mais.

O rio passado é o anti-rio
onde não correm águas.
Correm memórias, vagas lembranças,
algumas saudades,
todos os arrependimentos do mundo.
Os tempos ociosos que sufocam,
os vazios ciganos que nunca ficam.
O horror nos olhos do afogado
olhando o seu último céu.
A espera,
de cadáveres que nunca voltam,
a morte que vem sorrindo, a boca banguela.
O rio pretérito não deve trazer a paz.
Não pode!
Ele está repleto de orações
que não se cumpriram.

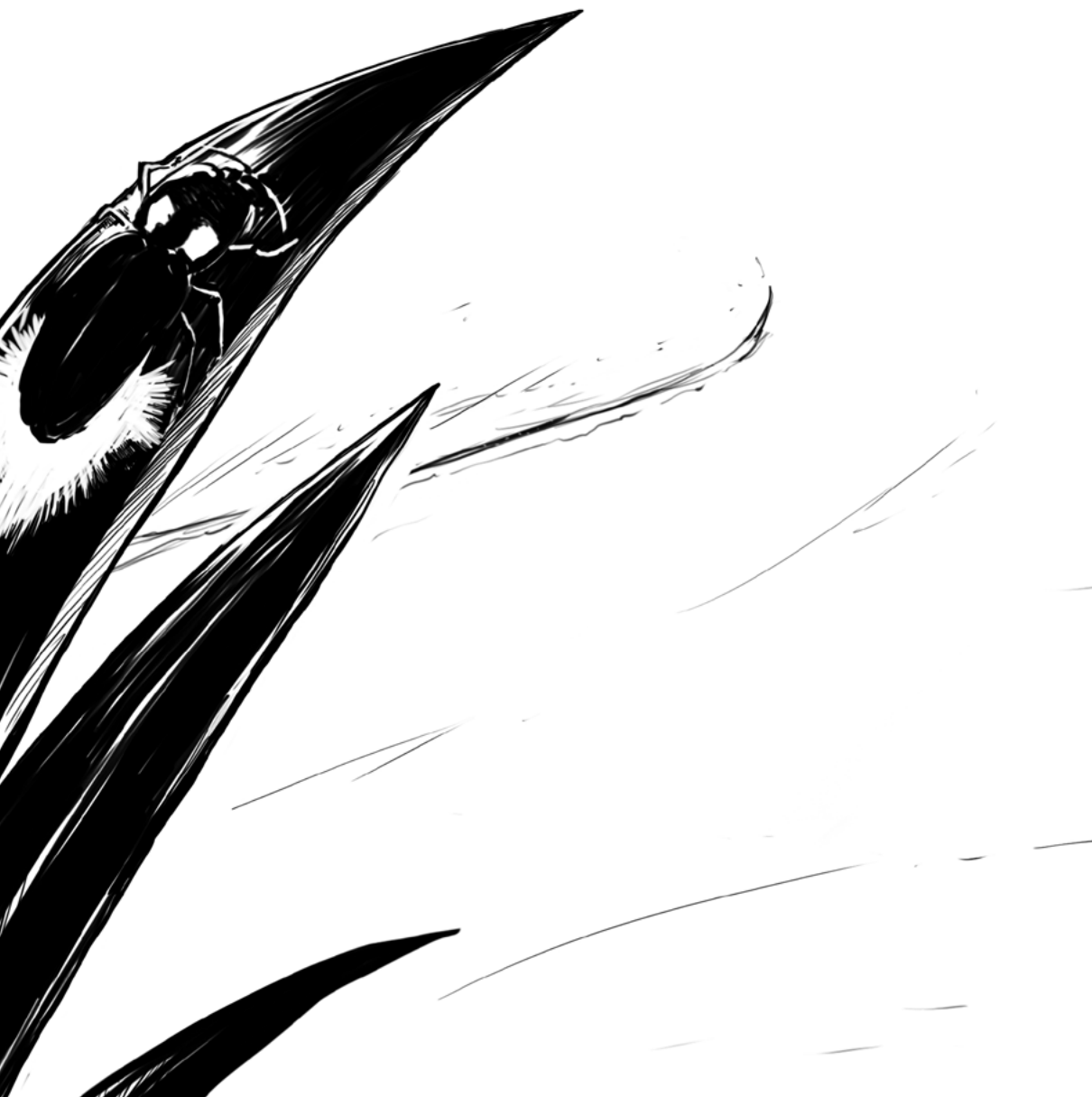
IV

No solstício de verão,
as árvores são de vidro
e refletem o som do silêncio
na sua forma mais bruta
rodopiando em ciranda perpétua
sobre a coroa d'água do rio Ipojuca,
desenhando imagens de assombração,
onde os encantados se banham e brincam:
Orubá, Canaã e Jericó.
O som do silêncio é circular,
o som do silêncio gira abafado
na percussão vazia do espaço.
Gira na colossal girândola do nada,
treme nos pés do toré do povo Xucuru,
gira no tambor e no ganzá do tempo,
que nunca passou;
que nunca se foi;
que nunca existiu,

pois está sempre na tradição
do povo milenar, que dança
com os antepassados,
na praia estelar de contas de
areia
do rio Ipojuca das águas
Xucurus.

Árvores de cascas de vidro,
cascalhos...
contas do colar de mãe Tamain,
na sua dança do silêncio,
quando desce das montanhas
seguida das Três Marias:
Mintaka, Alnilam e Alnitak;
o cinto, a pérola, a corda.
E elas vem dançando, requebros de fêmeas e
o tambor não para,
repercutindo a ritmação do universo:
coração,
que roda, roda, roda,
que gira, gira, gira...

a embriaguez do balé do sol,
ao redor da via láctea.
Fluido, partículas em suspensão,
pó das estrelas,
dos pés do chão Xucuru,
celebrando tudo o que dança:
a mata;
o vento;
a terra;
o fogo
e a água.
No turbilhão de vertigens,
onde o todo roda, o todo gira,
gerações se misturam em transe,
nesse gira-girar circulador.
Sem fim, sem começo, tudo
e nada.



V

As cidades são azuis no anoitecer
e vermelhas na alvorada.
O resto do dia, apenas luz e sombras.

Todas as cidades são iguais,
independente de continente e arquitetura.
Todos os cidadãos são cópias
de todos os cidadãos,
de todos os países,
independente de cor e
idioma.

Crianças correm atrás
de uma bola e lambem
doces.

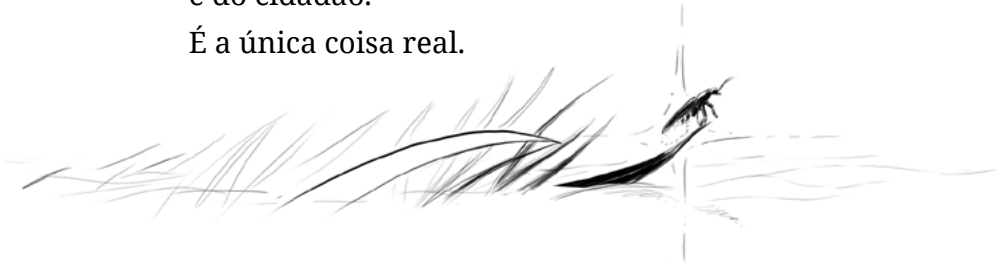
Homens correm atrás do dinheiro e
lambem sexo.

O grande e eterno amor
se tornou um sôtão vazio na alma de todos.

A cópia, da cópia, da cópia, da cópia.
Avenidas, asfaltos, faróis, prédios, favelas,
rede elétrica, crenças, boletos, políticos,
pandemias, escritórios, lixeiras, batons,
gravidez, ratos, diarreias, partos,
sexo, sexo, sexo, sexo, sexo.

São cidades,
desde que não se desça fundo
nos seus esgotos.
São cidadãos,
desde que não se desça profundo
em suas mentes.
Tudo é superfície.
Todos na superfície.

O rio corta a banalidade da cidade
e do cidadão.
É a única coisa real.



As torres das catedrais se elevam
e apontam o céu para os desesperados.
O céu parece tão perto...
Vitrais de cores fortes
contam a saga dos santificados,
com sangue e muita dor.
Nenhuma alegria, nenhum sorriso nos lábios,
só martírio.
O céu parece tristonho...
Almas à espera da salvação.
Anjos inebriados pairam sobre a nave central,
expiando os pecados de cada um.
Só uns poucos estarão nos futuros vitrais:
os mais tristes.



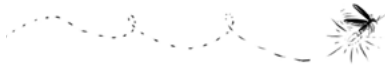
Os automóveis se apertam
pelas sinuosidades das ruas,
levando gente comum
a um mesmo destino que se repete
diariamente.

Olhos fixos na estrada,
olhar fixo no retrovisor,
as mãos tensionadas
estrangulando o volante.
As mãos ávidas
em estrangular o próximo.
Cérebros que fantasiam ideias assassinas.
O combustível ferve nas entranhas do motor
(intestinos motorizados).
A cabeça ferve, pulsa, lateja
(paracetamol, dipirona, citrato de orfenadrina).

A náusea que sobe pela goela,
o gosto da digestão ainda na boca,
a resignação do penitente em cada rosto.
Atraso e pressa tecem o cotidiano:
acelera, freia. Acelera, freia. Acelera, freia.

Os automóveis,
todos pretos, brancos e pratas.
Neutros. Soberanamente neutros.

A neutralidade do trânsito;
a neutralidade da vida;
a ansiedade anônima.
O ir, ultrapassar, chegar e voltar...
ao nada absoluto.



As cidades se verticalizam.
Linha de prumo escalando o vazio
em metros lineares.
Desenham quadrados, retângulos e pentágonos.
Esboçam cubos e trapézios
em armações de ferro, arame recozido e pregos.
Resiliência de concreto armado,
simetria de tijolos e lajotas.
Quadriláteros impermeáveis
dois a dois congruentes.
Gente espremida em metros quadrados,
trancadas em figuras geométricas
euclidianas.

Ângulos retos e rasos por todos os lados,
tons pastéis indiferentes
desbotando a visão
na geometria traçada pelo cálculo e
alicerçada no cimento e aço.
Realidade tridimensional do espaço,
que também guarda incontidos sonhos,
explodindo indomáveis
no interior dessas formas e linhas,
porque sonhos não se prende,
não se enclausura,
nem se mede em metros quadrados.
Sonhos não precisam de terrenos,
nem fundações,
nem de projetos arquitetônicos,
nem de orçamento da obra,
tampouco de infraestrutura básica.
A alvenaria é fluída, etérea;
a cobertura é de aurora;
as instalações musicais;
portas e janelas abertas ao sorriso;
o revestimento de pura gentileza;

a área externa de ludicidade.
A finalização é de final feliz.

As cidades sonham!



As cidades nascem dos rios.
As cidades matam os rios.
A morte das águas é lenta,
traz a vagarosidade letal do metano
que, remansamente,
mina suas partículas de veneno azuláceo
em solução saturada de morte.
É a morte toxicante de dores
e tumores.
É a morte sigilosa.
Corrompendo artérias e veias...
é a morte circunvalando
pelos átomos.
De um universo íntimo,
quase invisível, quase indecifrado,

O RIO ESQUECIDO

dando um fim a tudo,
gentilmente.

É a morte dos rios
quando passam pelas cidades,
o funeral dos rios.

Bromélias, encandecidas de luz,
repousam nas margens plásticas
do Ipojuca.

E uma borboleta amarela
pousa na embalagem de margarina.



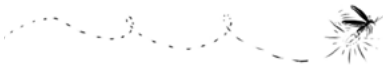
VI

O Ipojuca é um rio magro e comprido.
No meandro de suas águas,
as vinte e cinco irmãs
foram paridas e criadas,
e se banham nuas.

Margens de pixels minerais
copiando as partículas do
universo;
densas, compactas, espessas.
De conta incontável,
de soma insondável,
impossível.
Crianças correm sobre os astros
descalças...
e cometas, planetas e sóis
grudam nos dedos infantis.
Desnorteando polos,

desregulando órbitas
e explodindo supernovas,
no cosmo fluvial ipojucano.

Multiverso paralelo,
de rochas siliciosas,
ou graníticas,
ou argilosas,
se despedaçando em grãos.
Poeira estelar,
praia de pó das estrelas,
onde basta esticar os braços
e pegar o universo com as mãos.
Aos punhados.



São almas cor de giz
suspensas em fios de luar.

São as almas dos afogados do
Ipojuca.
Às vezes os ribeirinhos
falam com elas,
(levam fumo de rolo, água de colônia e
baralhos).
Elas não assombram casas nem gente,
são apenas tristonhas,
carregam a tristeza vã dos que partiram,
sem ser dia, nem hora.
A aflição imponderada
da separação prematura de sonhos
e amores,
até mesmo da infância.
A marca de tudo o que não se cumpriu,
do que ficou pela metade...
de tudo o que jamais será.
A dor desmedida das almas penadas,
presas a um rio para sempre,
nunca acharam seus corpos.

Suas carnes já foram devoradas;
restam apenas esqueletos
encardidos;
ossos espalhados no fundo do rio;
crânios de olhos cavos
e dentes sem lábios
numa eterna gargalhada sarcástica,
de quem sabe o que é morrer.
De quem conhece a morte
na intimidade.

Elas chegam em cortejo...
cerimoniosas,
lembram os vagalumes das noites campesinas,
luzindo... lucilando... luciluzindo.
Parecem não ter rumo,
olham para baixo à procura de algo.
Num zigue-zague alucinado de retas:
horizontais, verticais, diagonais,
sem parábolas ou círculos.
Repentinamente param.
Estáticas.
Uma constelação a um palmo das águas.

O que elas procuram?



Entre bromélias atormentadas
corre o Ipojuca,
buscando as cinzas do seu destino.
Meandros que iludem o estreito vínculo
entre o espaço e o tempo.
Entre a submissão e o domínio.
Entre a fúria e a complacência
na melancolia do duelo fatal
com o mar.
Entre o singular e o plural.

No campo aberto da caatinga,
a luz ofegante
dita a hora das coisas adormecerem.
As coisas vivas e as coisas mortas.
Um espectro

escuta a música do rio,
embaixo do galho da Imburana.
Foi lá!
A corda, o corpo que cai.
Restos de paredes de casas,
sobras de tijolos, o banco do jardim.
Contam a história de um lar,
talvez alegre, com crianças, talvez...
Agora abrigo dos anjos caídos
e andorinhas.
Macambira, xique-xique, palmatória.

As sombras da noite por vezes gritam,
assustando uma lua amarela
por entre cacos do espelho partido
(aroeira, aroeira)
e as mandíbulas do rio comendo a lua afogada.
A coruja metálica pia
agourando a noite
e trazendo a herança dos pesadelos
as almas sensíveis.
Entressonhos de olhos grandes;

entresonos da agonia.

Pura.

O vento morno.

A febre do rio arrepiando as águas.

A madrugada despedaçada.

A ressurreição do dia.

Os pedaços da madrugada desabam
sobre uma manhã ainda tênue,
dissimulada.

É maio. São quatro horas

e esses aromas silvestres que embriagam, esses
cheiros agrestes de eternidade da alma.

Mormaço...

ainda os trovões no céu de Caruaru
percurssionando e repercutindo
no dia chegante.

Mato molhado, folhas chorosas,

mundo sem aves, sem canto do cardeal.

Tudo escondido, clandestino, disfarçado.

Esses segredos que a vida oculta,

assombram no ritual repetido.
Desde o começo.
Do nada ao tudo.
A confiança do incógnito
estará sempre ali,
no ponto central da singularidade.

E ninguém vê.
E ninguém toca.
E ninguém sabe.
Apenas sente.
E amanhece.

A manhã chega como uma vidraça
embaçada,
por onde se vê o indefinido,
na ótica do glaucoma.
Sol e nuvens brigam pela primazia
do domínio absoluto, contrariando
a ressurreição plena.
A umidade cria visões etéreas no ar,
feições de reminiscências

quando os olhos da infância
fantasiavam assombros no azul.
Quando ainda havia infância.

Uma ressuscitação é um labirinto
de enigmas naturais e miraculosos,
pois indica que em primeiro houve a morte.
Que no antes, o finamento ocorreu.
A incerteza é o despertar.
E vem a anástase,
onde o natural se confunde ao milagre;
o apontar das trevas a caminho da luz;
o espertar do sopro vital, o espanto
da rotina do ressurgir da extinção,
em apenas uma volta,
de vinte e quatro horas.

O sol oriental pinta de dourado
o Ipojuca.
Não é um ouro vívido,
é ouro envelhecido, cirrótico,
corrompido pelas suas águas

doentes.

Não há ressurreição para o rio,
sua infecção é generalizada,
incurável.
Fatal.

A fatalidade do dia vem inexorável
reafirmando a monotonia do cotidiano
até a metamorfose do sol
na anã branca,
uma bola de cristal cintilando
nos abismos do infinito.

A luz pulverizada toca o chão batido
da casa de Luizinho.
Ele viu o monstro do Ipojuca.
Sentiu o seu bafo azedo entrar pelas narinas,
até o soluço da náusea
e um horror incontido entorpecer
músculos e reflexos.
Serpente cor da noite desluarada,
de ciclópicos olhos verdes.

O RIO ESQUECIDO

Duas esmeraldas em brasa,
atormentando os pescadores
nos devaneios das águas
e os abocanhando ao fundo do rio.
Poucos retornam...
E voltam com o alheamento da loucura
nos olhos esmeraldinos.

A sereia Ester, que também era Jussara,
de alcunha Eloá,
conhecida como Aurélia,
de batismo Estefânia,
foi quem salvou Luizinho.
Com quem teve um casal de peixes.



Todas as águas obedecem ao vento comum
e a gravidade.
Ao longo das margens enlameadas,

o Ipojuca segue, deslizando de barriga.
Esse aluvião lodacento que um dia foi seu leito.

Suas águas pardacentas
preservam indícios de um final adivinhado
por décadas, talvez séculos.
Tudo virou ilusão:
a nascente, os meandros, a jusante, a foz.
Ilusões reminiscentes onde
tempo e água se confundiam na dança
da perfeição crua e sem metáforas.

Tempo,
essa velha parede cheia de retratos
do que fomos e nunca do que seremos...
Suas ranhuras mostram os equívocos.
Na cor da pintura, demão sobre demão
revelam as tintas descascadas,
na verdade, suprimidas.
A mesa de pedra encostada na parede
tem gavetas nunca abertas
(Não é permitido abri-las).

Elas guardam o tempo que resta
e a vida secreta de cada um.
Na parede não existem portas visíveis
ou não visíveis.
No tempo não há saídas.
A possibilidade do cárcere é genuína.
Só resta sentar no cassino e jogar
pôquer com o futuro,
na insensata espera da carta final.

A rústica espada ancestral,
curadora das anomalias das horas,
decepa ao meio o que seria o futuro.
E a rosa oxidada;
e a vida abrevia;
e o Deus de Spinoza agoniza.
Logo será engolido pelo mar
e perderá nome e identidade.
Será apenas águas do Atlântico
e ninguém perceberá a transfusão,
e o oceano receberá suas águas podres,
morrendo um pouco mais também.

O RIO ESQUECIDO

O homem que não percebe o rio
é um predestinado à cegueira.
Desce os degraus escorregadios,
da escada em caracol,
tateando o corrimão mal envernizado
até o úmido porão, nos limites da alma,
e lá fica
abrigado da luz que o exaspera.
As sombras sempre estarão presentes,
não ocorrerá a passagem entre o breu
e a claridade.
A transição inexiste.
A negação o completa.

Entre o rio e o mar existe a incerteza
do passo a ser dado.
O incógnito à espreita da transfiguração,
que converterá o teor e o tom das águas.
De vítreo ao opaco, aos azuis infinitos.
O doce, o salobro, o salgado,
o inodoro ao salino.

O RIO ESQUECIDO

O rio navega ao seu desígnio,
tem pressa!

A correnteza se torna exata como o gume do punhal,
rasgando o vento, o tempo, o espaço, a memória.

Retalhando saudades e fortuitos medos.

As rochas já não o impedem.

Arrasta baronesas, afugenta pássaros
e enxames.

O rio quer, o rio pode, o rio vai.

Estuário é passagem.

Foz é absorção.

O ritual onde as coisas se transmudam
imperceptivelmente.

Um segundo, o rio.

No outro, o mar.

Quando o doce e salgado se provam,
num sedento beijo de línguas,

o oceano absorve o rio
e o mata.

A lua rubra, testemunha muda.

Não!

Não foi apenas o beijo do mar.
O Ipojuca pereceu no desprezo
das vinte e cinco irmãs.
Vinte e cinco cidades
nascidas de suas águas,
acalentadas na sua brisa.

Morreu de vinte e cinco mortes;
de vinte e cinco padecimentos;
de vinte e cinco tocaias silentes;
de vinte e cinco formas de desamor;
dos mundos abandonados.
Quando os olhos de todos cegaram;
quando as vozes de todos calaram;
quando os ouvidos ensurdeceram;
e as mentes desidrataram.

O último rufar dos tambores
e o gemido do trompete
no funeral macabro,
com todos virados de costas

emaranhados na teia de sentimentos secos da
grande caranguejeira.

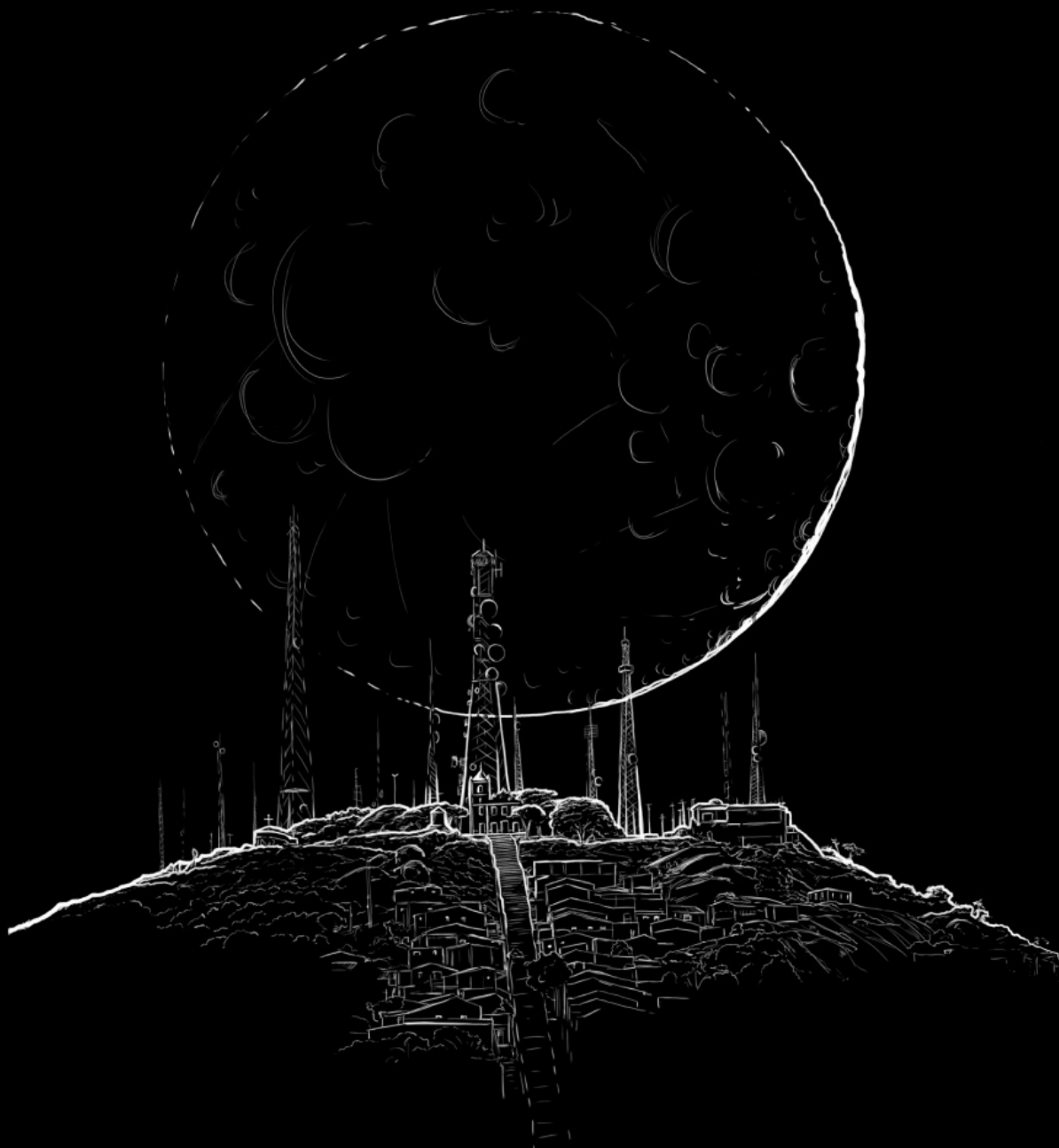
Só a lua atemporal, testemunha vã.

A lua de sangue

Ah...

A loucura humana... a loucura humana...





A MORADA DE LUZIA

I

Pela janela vejo o mundo e o Monte.
O cruzeiro ostentando o sagrado.
A ladeirenta escadaria (cada degrau é um dia),
até os quatro portais,
do relicário de Luzia.

O Monte é um extrato de Siracusa siciliana.

Dizem que a igreja
está assentada sobre um vulcão.
A caldeira ferve, compassadamente, rochas e ferro
sussurrando gases de enxofre
nas profunduras da cidade.
A trovoada sem relampejo,
causando tremores no chão de Caruaru
e o despertar dos temores do fim do mundo
nas orações balbuciadas e nos olhos
assombrados dos mortais.

Sinos badalam dezoito horas.



As luzes de led perambulam pela cidade
que começa a aquietar.
Noite de lua parca, de hálito frio,
sem cometa riscando o céu,
plena de sortilégios emergentes.
O predicado do desconhecido se apresenta,
move as vísceras do pensamento de onde
borbulham crendices de tempos medievais,
confinados na alma aprendiz.
(Todavia, estamos guardados em casa).

Nas ruas, só os padecentes por sexo
e os boêmios.
Buscam a felicidade provisória,
que sempre passa,
quando o gozo, o álcool e o fumo
se esvaem

e o coice da realidade chega.
E dói...
mas sempre haverá outra noite.
Outra busca.
Outra agonia.

O rochedo Bom Jesus
respira no compasso da noite
e na aclamação do luar.
O remanso do porvir;
o remanso do incerto;
o remanso de tudo
está na noite e sua escuridez.

(A tua sombra que nunca mais vi,
E mesmo assim que persigo
Por velas que nunca andei,
Por sendeiros que nunca sei).

A geografia da cidade me é excêntrica,
mesmo após tantos anos.
Baixos e altos, sinuosidades e retas

aportam num labirinto indecifrável,
de onde nunca saí e nem sei como entrei.

Nunca fui bom em jogos de adivinhação,
prefiro o xadrez e suas leis metafísicas.



Esse frio de agosto que enrijece as carnes.

O caminhante segue desviando das poças,
formadas pela chuva da madrugada,
no asfalto desgastado.

Passos tímidos,
claudicantes, quase ébrios.

Os casarões lembram retratos
de séculos antigos.

Para eles, o tempo cessou
nos azulejos portugueses estampando
as paredes e o entorno dos brasões.

As pessoas passam, os casarões ficam.
Tijolos duram mais que ossos.

Árvores encharcadas goteiam
os transeuntes indiferentes.
Todos de cenho enrugado,
semblantes abandonados,
prenunciando dúvidas e afligimentos.
Apertam as sombrinhas como se fossem a redenção,
das almas.

O aroma dos churros fritos
paira no ar enfumaçado
e gris
incitando apetites ou embrulhando estômagos.
Táxis em recatada fila indiana
aguardam por passageiros; todos prateados.
Não existe cor no mundo dos táxis.

O povo flui pelas calçadas,
amparado na rotina da esperança
institucionalizada.

A MORADA DE LUZIA

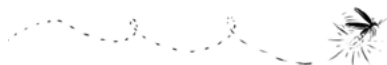
Poucos encontraram o grande amor,
poucos se acreditam felizes, bem poucos...
mas avançam por caminhos fortuitos
culpando o destino
essa predestinação danada
que lhes costurou a alma por dentro.

O sol do meio-dia evapora
o que restou da água no asfalto.

O dono do restaurante olha o movimento
dos clientes nas mesas
e pensa na jovem amante.
Suas pernas argentinas;
seu olhar de soslaio;
sua ânsia por presentes caros;
sua vagina faminta.
Um copo se espatifa no salão.
A criança chora.

Essa aurora que nunca chega.
Essa hesitação que nos acompanha.

Onde guardei meus planos de futuro?
Em que gaveta?
Para onde foram as certezas que um dia desenhei?
Porque tudo mudou e continuo
o mesmo sonhador do eu menino?
Sou eu,
o caminhante de passos trôpegos,
me desviando das poças d'água da vida,
com medo de molhar as meias.
Indo pelo mesmo caminho,
que já sei onde vai dar.



Depois de um dia chuvoso e entesado de raios;
depois do vento de navalhas de gelo;
depois do uivo da solidão em pedaços;
depois do gargalhar do sem-fim;
depois, bem depois...
Veio o manto do luar cobrindo a mansidão

A MORADA DE LUZIA

e a cidade se satisfez com a luz de prata
escorrendo pelos telhados,
escorregando pelas paredes
e invadindo ruas e praças,
como os longos cabelos estendidos,
pela amada no seu leito.

E veio o horizonte rasgado pelo sol;
e veio uma natureza estranha e verde;
e veio uma intenção de sorrir à toa;
e veio a impressão de que tudo é bom,
e por um momento,
o mundo se diluiu em sete cores
e virou arco-íris.



As tardes passam rápidas.
Umás douradas, outras castanhas.
Algumas neutras, outras baldias.
E elas se agarram nos olhos para sempre

e se apoderam das lembranças,
até não mais se poder esquecê-las.
Às tardes as ruas são diferentes,
a melancolia pulsa nas calçadas
e nas luzes das vitrines.

O rumor dos pés nas pedras grisalhas,
a aglomeração nos pontos de ônibus,
o epílogo da claridade
e o cumprimento à alegoria noturna.
Os velhos sentados nos alpendres
veem o tempo escapar inabalável,
nos grãos de areia da ampulheta,
dentro da solidude de um mundo próprio,
em um êxtase ainda incompleto.

A velhice não é tão ruim,
exceto o estalar das articulações.
E uma memória inexata,
e uma saudade não sei de que
que invade o tempo todo, todo o tempo.
Ruas em que morei,

nomes, rostos, símbolos...
São apenas manchas brancas
como nuvens vazias vagando
sem um céu a lhes fazer fundo.

(O azul é uma bela cor.
A cor das grandes imensidões
e de uns olhos em que um dia pequei).



II

As ruas da minha terra têm nomes de gente.
As casas da minha terra têm a singeleza do lar,
nelas moram o povo da minha terra.

Entre o Rosário e o Salgado,
existe o Ipojuca serpenteando o mundo
e nos arrebatando ao mar.

A minha casa alvorecida
tinha defronte um jardim e grande roseiral,
onde pássaros faziam ninhos.
A minha casa alvorecida não existe mais
e no que foi o jardim,
pássaros do passado procuram por ninhos
invisíveis (em vão),
nas roseiras despetaladas.

O espaço entre o passado e o presente
não existe no cosmos da mente.
As pétalas espalhadas no chão de outrora
estão vivas no momento da lembrança,
podemos colhê-las nas roseiras
a qualquer momento.
Um antídoto ao sofrimento?
Não sei...ninguém sabe.
Mas é um deleite vaguear nesse intervalo
onde o real baila com o imaginário,
sem se considerar fuga ou loucura.
Só o clarão da lucidez momentânea
atenuando os sentimentos em flor
e o rompante da infalível dor.

A dor
(Existe algo de leveza nela).
As artes entenderam a sutileza oculta.
Rodin e Vitalino sabiam disso.

O tempo e o atemporal.
O tempo com seus prazos e medidas.

O atemporal com seu anacronismo crônico.
Os moinhos moendo o tempo,
em séculos, dias, segundos
e despejando tudo nas rugas do presente.

Tudo é tão barroco...



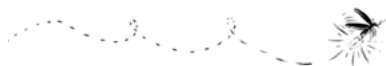
Agora flores roxas, amarelas e brancas
brotam dos galhos dos ipês
(minha mente está vazia como uma taça recém lavada).
Me volto para a janela, o Monte Bom Jesus.
Há um vapor aromado de café subindo pelo elevador
e um repicar de sino bem longe.
Talvez longe demais,
dos tempos de José Rodrigues de Jesus.
A taça lentamente começa a encher
com resíduos de pensamentos desmaiados
de uma estranheza que reconheço como minha.

Pensamentos embaralhados,
ricocheteando nas paredes do crânio
sem forças para alçar o voo necessário.
Pássaro preso em gaiola
esquece de voar.

Essa multidão anônima nas ruas,
essa procissão apressada de pernas.

Conheci muita gente na vida.
Algumas interessantes, a maioria nem tanto.
Caminhos cruzados foram a constância
de um roteiro indefinido que me guia os passos
e me coloca onde bem quer.
Restos de cigarros nos cristais dos cinzeiros,
o gole de conhaque
nas madrugadas frietas e eternas,
o linguajar quase sempre chulo.
Uma irascibilidade perene
e doces palavras ao ouvido
narram uma história comum,
mas aceitável,

nessa banalidade sem constâncias
que carrego na bagagem de mão
junto à outras tralhas e desvarios
que acumulei em décadas e décadas
de espera numa estação sem trens.



Tu sabes quem eu sou? Responda!
Não! Nem tu mesmo sabes quem és.
Ninguém o sabe,
até o imprevisível acontecer
e descer afobado pelas escadarias do tempo
aonde a alma brejeira,
aguarda a inadiável decisão:
arapuca, tocaia, arataca.
As artimanhas atiradas pela vida
entre nossas passadas:
O tropeço, a topada, a imprecisão.
Uns enfrentam destemidos;

A MORADA DE LUZIA

alguns se escondem, ou fogem ou
caem;
outros simplesmente adormecem
e sonham.

Não nos cabe o juízo de valor da espada fria.
Todos têm suas razões.
Por que catar ossos nos bosques?

Tocam a campainha, apenas sorrio.
Estou de bom humor,
pois agora é tempo dos ipês
e suas flores coroando a Princesa.
Nada mais importa.

Os ipês do bairro Petrópolis
tecendo policromias no chão e na íris.
Primeiro o roxo e o rosa;
depois o amarelo;
por fim o branco. É poesia esparramada pela terra,
A Terra de Caruaru, a terra de Condé.



A cidade no fim de inverno
possui uma tonalidade incomum.
Uma quase luz que não é luz,
de quase sombra que não ensombreia.
De uma ausência de transparências
que inibe colorações,
que ocupa tudo o que é
e tudo o que não é;
e tudo o que é sim e não;
e tudo o que é talvez, acaso.

Contrastes, sombras,
luzes derramando
dos montes às ruas em ronda peregrina,
examinando os segredos ocultados no medo,
no meio fio das calçadas, nos becos, nos botequins,
roçando o focinho comprido e molhado
para fuçar o mais sutil dos odores,
escutando o rastejar de chinelos nos corredores,
percebendo o mais rouco gemido de prazer ou dor,

A MORADA DE LUZIA

passando a língua nos sabores da lama, observando
indiscrições e pecados,
mendigando nos umbrais das igrejas, esfregando as
unhas nos tecidos da existência.
Nada escapa, nada foge, nada dorme.
O gozo da rendição em sua plenitude perfeita.

A cidade no fim de inverno
inventa ventos de seda e canivetes.
Lençóis de puro silêncio,
inventa mormaços e frialdades.
Febre navegando pelas veias do corpo,
em arrepios constantes, de tremuras, delírios.
De subterfúgios no movimento do tempo
e suas estações inexoráveis.
A nebulosidade matinal
e a impressão de pairar nas nuvens
e tocar com a palma da mão o céu testamental,
o céu desde os Hebreus.

É a terra girando em parábola
e a ruptura do tempo em novo alvorecer
que determina a floração dos ipês.

III

Eu vi o sol ser filtrado,
nas folhagens mais verdes que se possa imaginar,
antes de se misturar ao chão
e ser bebido por intrincadas bocas subterrâneas.

Eu vi imensas manadas de nuvens
subirem das águas turvas do Capoeirão
e avançarem em comboio gasoso
sobre a mata das grandes mungubas.

Eu vi macambiras gigantes
adormecerem nas pinceladas do anoitecer e
despertarem no rompante da aurora rubra.

Eu vi o céu de nitrogênio
ser atacado por meteoros incandescentes
e pulverizados no cinturão de Van Allen.

A MORADA DE LUZIA

Eu vi os passos miúdos da velha Joana
na areia,
entre as sombras das ruínas do engenho Vargem Grande.

Eu vi centenas de pirilampos iluminados no voo do
acasalamento
no bosque das Samambaias.

Eu vi o giz de fogo branco
traçar geometrias nos profundos da escuridão,
as trevas absurdas que não se mede o fim
e que só o tempo rege.

Eu vi a noite agoniada pelos vazios enormes.
A tarde crepuscular camuflando olhares fugazes.
A hora púrpura no céu pintada.
O universo de minúsculos diamantes prismáticos,
a latejar nas bordas de leite
da galáxia-mãe,
nas noites quentes onde o ar some
na barriga da Serra dos Cavalos.

E quando eu chorei não foi tristeza,
foi espanto, o mais sublime espanto.
A surpresa acalentada, no peito amplo,
por uma ainda desconhecida paz.

Eu vi a natureza.



Todas as ruas são insistentemente banais.

Seus traçados nos levam aonde o urbanista
quer,

e não o nosso arbítrio.

(As ruas nos comandam).

Entre as contas enfileiradas do Rosário Velho existe
o rio, a ponte sobre o rio, a praça e a igreja,
e a rua só nos leva até aí, defectiva e triste.

Não há opções, não há precedências,
apenas

o labirinto de um roteiro único e monorrítmico.

Sempre e sempre e sempre...
Ad aeternum.

Ando todas as manhãs
por essas ruas unissonantes,
sobre seu pó de betume
e cruzo com simpáticos rostos autômatos:
Bom dia senhor! Como vai?
Está quente hoje, não? Respondo sim.
É o máximo que meu vocabulário pode expressar
às sete horas da manhã.

Casas ocultas por muros carrancudos;
fállicos edifícios arranhando céus de neônio;
chaminés escarrando fuligem;
estacionamento de carros amedrontados;
artistas circenses engolindo fogo nos sinais.
Vidros à prova de olhares e balas;
corações desidratados à prova de amor.

Não me interessa caminhos metrificados em régua T,
aferidos na circunferência exata do compasso

e na congruência do grafite e papel manteiga.
Me importa os caminhos líricos
quando o intangível nos guia, pela mão suave,
para campos onde lilases brotam em touceiras,
chacoalhadas pela ventania
e a água é borbulhante e limpa e sonora,
e as coisas não precisam de nomes,
elas apenas são.
Onde ainda existam gatos sobre os telhados
gemendo de cio absoluto, cósmico.
Elegantes galos a plenos pulmões
acordando a aurora sonolenta
e menestréis aviados com dentes de ouro,
cantando os versos da língua inventada
nos braseiros dos sertões descalços.
Que os caminhos sejam sempre francos
e levem à lugares em que a imaginação estancia
e seja o luar mais caudaloso e argênteo
e o tempo da largura do silêncio profundo
do lótus de mil pétalas;
e o espaço sem gravidade
para cambalhotas soltas no ar;

e o meu lugar seja qualquer lugar
em que eu me sinta completo.

Quero caminhos que flutuem e não que prendam.



Outubro se detém altivo diante do portão do austro
nas horas solenemente acorrentadas
e no mormaço pegajoso incrustado nos poros,
diluindo o sebo nas dobras do pescoço.

As flores chegaram.

Com a tosse abrasiva nas gargantas de urtiga
e no chiado compulsivo dos pulmões asfixiados.

As flores chegaram.

Germinando fogo-açafrão
nos bordados do manto da Princesa
do Agreste.

As flores finalmente chegaram.
E vieram as abelhas selvagens
e as mãos das crianças.

Há uma trama iludindo a rosa do dia,
circulando nas esquinas dos ermos.
Nas filas dos benefícios,
nas curvas das velas mal iluminadas.
Quando a sombra habita a íris,
enceguecendo a meninas dos olhos.
Em cada porta trancada, um destino é costurado
à mão,
à agulha metálica,
e é vedada a primazia do buraco da fechadura.
Só resta os arcanos como oráculos.
Apostai ou orai.

O rosto da manhã enrugou na neutralidade
do rosicler empalidecido.

Entre vagões de nuvens e fumaça engordurada:
desilusão!

Um cão castanho deita na calçada
e lambe as patas com o zelo dos sábios.
Observa os carros e os movimentos bruscos
do açougueiro esquartejando carnes (fareja
o sangue).

Tudo transcorre na complacência de um dia normal,
dentro da amnésia coletiva da vida,
na qual a letargia não causa espanto,
onde tudo faz sentido, tudo.

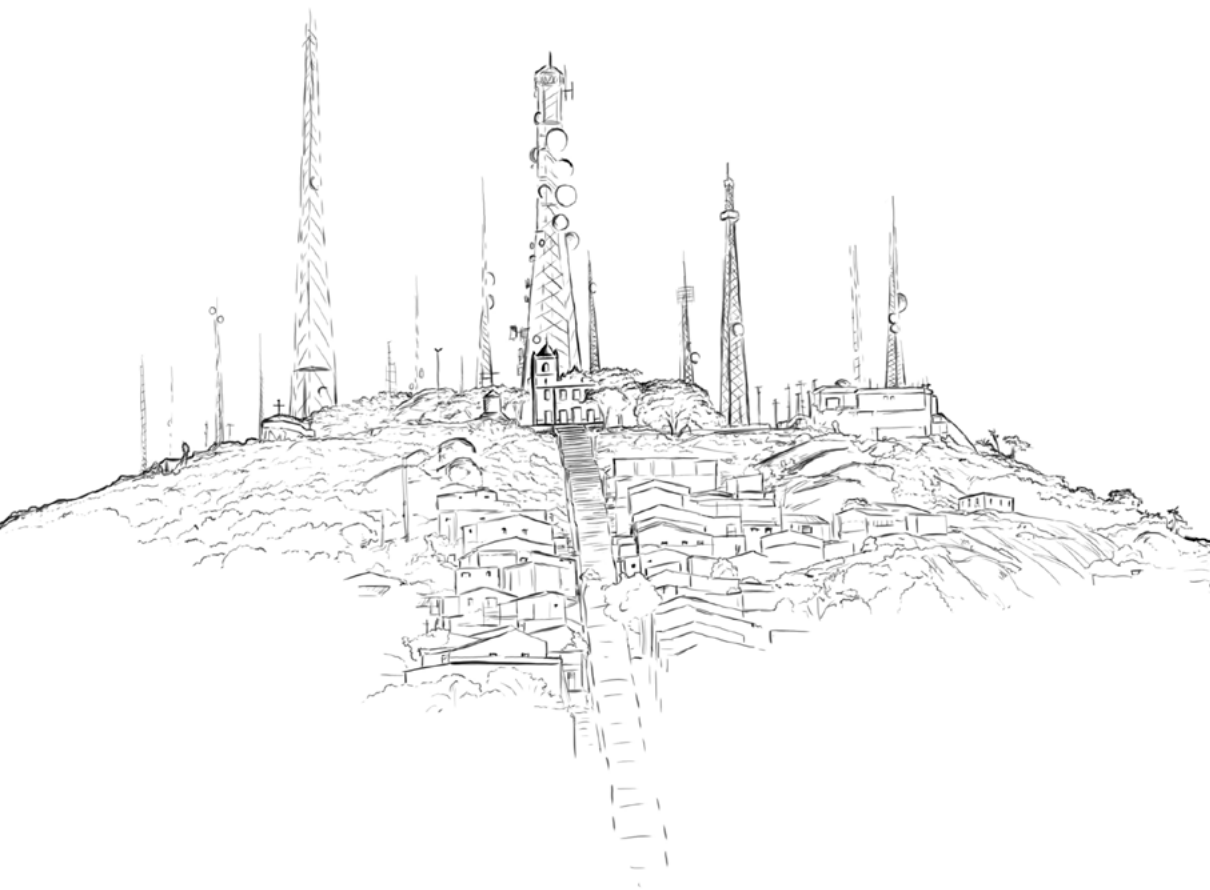
O castanho se distrai roendo ossos.

Na casa amarela mora Belarmina.
Belarmina tem um punhal de prata
herdado do avô materno.
Dizem que, com esse punhal,
o velho Lourentino Pena
sangrou pra mais de cem machos
e quinze damas.
O ruivo, era sua alcunha,
olhos de pura ruindade,

A MORADA DE LUZIA

o sorriso, a boca não aprendeu.
O punhal nunca foi lavado,
tem muito sangue misturado nele
e todas as noites, antes de deitar,
Belarmina toma um copo de leite quente
e cheira o sangue dos mortos
na lâmina encardida.
Isso lhe ajuda a dormir.

É o lar do castanho.



IV

(A Onildo e Gonzaga)

O pó areia a poeira beira nem eira enxame de pernas
pés dedos dez dedos pisando repisando a cinza ocre
entre bandos de bancos mancos de madeira taliscas e
lonas azuis toscas por vezes toscas e azuis sem luz sem
reluz com legumes verduras melancias espalhadas
em desvario das mãos que apalpam apalpam pegam
apertam alisam espremem na sincronia do tato na
sintonia do tato na sinfonia da agoniada agonia do
grito mais alto mais retumbante do berro vivo do
conto do maior desconto torvelinho do forró sincopado
nos tímpanos das esquinas nas quinas dos tímpanos
da sanfona branca perolada madre da zabumba
que bumba dos três ângulos do triângulo equilátero
agudo-fino tinindo zunindo retinindo nos confins dos
tímpanos empedernidos do forróbodó gonzagueado
açúcar cristal de cristais de açúcares doces cristais
onde minúsculas abelhas pretas indo e zumbindo sobre

crístais adocicados cego aviolado na poeira da feira
desfia versos desalinhados e doloridos no escuro da
escuridez inviolada que enche de sonoridade violada a
escuridão dos mortos olhos azuis de luz apagada gentes
e mais gentes em corredores improvisados sem licenças
nem gentilezas atropelando no frenesi alucinado da
demanda que manda e desmanda em tudo o que se
veste que se bebe que se come que se usa por fim por
começo e por vício o suor o suor o suor gotejando
minando das axilas peludas pudicas garrafadas que
tudo cura curare curadora de espinhela caída de
espinhela tronxa torta torta de limão taiti galego
mãos pendentes pedindo nas calçadas cruas braços
pedintes esticados palma das mãos em cuia dedos
alongados prolongados Deus te dê em dobro queijo
de coalho alho baralho chocalho de cascavel curare
cura curadora agasalho de lã tecido por sexagenárias
órfãs azuis as rosas em buquê de doze rosas vermelhas
ou brancas ou cor de rosa rósea do rosário de rosas o
batom rosa da vendedora de temperos especiarias do
reino pimenta do reino cravo do reino (sou sem reino
pois minha rainha se foi) açafão abraseado gengibre

d'ouro dourado canela em pó e pau pó de colorau
bolasdegudeprameninocorreratrás tanajura é formiga
de bunda gorda para tira gosto de lapada de cana
caiana com cobra dentro que só macho bebe e gosta e
dá tesão afogueado canário cantador entende a dor do
cantador quando a dor explode na solidão do peito ou
da gaiola é tudo a mesma dor no sentidor da dor que
não tem consolador pro suportador da dor dolorida
dor passagens labirintadas abre-te sésamos Babel dos
descompassos passos repassos compassos de tempo
uno dos passos que seguem e param recuam voltam
protestam projetam protelam dobram no assombro
assumido do destino dos passos lentos apressados
estanques assumidos e reassumidos as vezes sumidos
entre tanto outros passos outras pernas outros viventes
contrapassos a abóboda da abóbora jerimum caboclo
é cor da aurora derretendo na boca do céu da boca
quando o sol nasce no céu da boca do mundo olhe nos
olhos de peixe bem nos olhos do peixe olhe se brilham
os olhos do peixe se o olhar reluz se ainda transluz
se seduz os olhos peixeiros toque as escamas o couro
o corpo deixe suas digitais no morto para uma boa

A MORADA DE LUZIA

moqueca Vitalino soprou o barro e o barro acordou
levantou e andou mundo afora vida afora Vitalino vivo
menino vital hino vitalício da vita argila retirante e
precha a feira é Onildo é Gonzagão é Órion constelada
no chapéu de Lampião é o gibão do vaqueiro feito de
couro grosseiro quando parte altaneiro pelos vazios
brancos do sertão.



V

Abandonei o pensamento
ao vento que voa nas tardes de verão.
No lapso de tempo entre a fração de segundo
e o nada perfeito.

O zero absoluto sem ressalvas, incondicional.
Espírito peregrino em sua rebeldia inquieta,
a inquietar a quietude do que está quieto,
a cutucar o purgatório de cada alma.
A cidade mergulhada em leite fresco,
quando a luz é deleite de nata espessa,
derramada no lado esquerdo do Monte,
penetrando pela nave da igreja, invadindo
à passarela de rubra alcatifa
e passeando pelos olhos da siciliana.

Pensamento emancipado e voador,
sem paredes a confiná-lo;

sem algemas a aprisioná-lo;
sem dilemas a detê-lo;
sem muros-chapas de aço ou bronze,
ou qualquer metal-metálico-metalizado,
que o impeça de atravessá-los
qual fantasmas góticos transparentes imateriais
maquiados e risonhos.

O colar de contas, conta as madreperlas
no terço cor de leite, copos-de-leite o colostro em flor.
E o pensamento alargado e volante
flutua sobre Caruaru e Siracusa,
sobre o mundo de versos do universo
de todos os mundos, diversos mundos.
A cambraia de linho fino bordada,
o cálice de vinho tinto na madeira,
a palma espalmada no altar de Lúcia,
Lúcia sem olhos.
Os olhos de Luzia no fundo do prato de prata, dois
grandes olhos pretos castanhos esverdeados.
A nos olhar, a nos olhar, a nos olhar...
Em um dia de luz vasta
de um dezembro qualquer.



A cidade é concreta sem pseudônimos, nem poesia.
Sua métrica é de metros quadrados.
Seu ritmo é o prazo final da obra.
A sonoridade da betoneira moendo concreto
sem rimas nem declarações parnasianas,
tampouco declarações de amor.

É cimento e pedras esmigalhadas, maceradas,
que viram areia do concreto armado.
Dura armadura de varões nervurados, nerventos.
Vergalhões armando o salto celestial
para o negro azul nitrogenado,
em dezenas de andares sobrepostos,
acomodados um a um, um após outro e mais outro e outro
(bolo de camadas de argamassa e gente)
a ajuntar esquinas de exatas junções
nas quatro dimensões do espaço-tempo,
de ângulos angulares agudos e desagudos retos.
A levantar paredes, abrir vãos, dividir espaços em vão;

A MORADA DE LUZIA

espatular creme de gesso, pincelar demãos de tintas
galões de tinta branca, branco neve, branco gelo.

Cores gelidamente geladas na geladeira
que congela seres e quimeras nas gavetas
dos crânios, nos cacifos dos cérebros,
por onde vagam os sonhos da casa própria.
Container de concreto patrimonial,
armado, desarmado, desalmado e ainda assim,
um fim em si mesmo como vitória da alma humana.

Corações espetados em hastes de ferro,
ferrum sustentando a carga das expectativas
das vidas providas, vigas para as nuvens,
que flutuam no cocuruto dos crânios entardecidos
e levemente insanos.

As prestações somadas para a vida toda
e o puma rosnando com suas presas metálicas,
emparedando suas presas...

Narinas acesas aspirando o pó das marretas,
dos peões amarelados de pó poeira,
que reverencia a construção em toda a sua glória.

A MORADA DE LUZIA

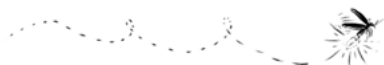
E a cidade se projeta e se alarga e se alonga,
em latitudes e longitudes.

Feito maré sem mar, maresia sem força da lua a
conduzi-la ou afogá-la.

Preamar de cimento e aço inundando chãos e sertões,
extensões finitas de planuras e relevos montesinos.

Círculos e quadrantes, fluxos e refluxos.

A anatomia das máquinas pesadas
domando rochas e asperezas
e formando enfim a metrópole.



O cheiro das rosas encandecidas pelo sol
se espalha na ardência do dia acendido.

E se eu me perdesse para sempre nessa metrópole,
de nome estranho e estranhos seres
de carnes, ossos e barro vermelho?

E se eu caminhasse de têmporas abaixadas,
procurando sinais pelas trilhas,
pisando relutante em folhas mortas,
descartadas pela segura do movimento do tempo,
buscando um roteiro que me redefinisse
por inteiro?

E se fosse tarde demais?

E se fosse tarde demais prosseguir me perdendo,
para me encontrar em outra qualquer dimensão?
Em outra paralela vida duplicada?
Em uma terra de mil espelhos,
em que eu me encarasse a mim
e não visse meu reflexo, apenas difusos
borrões imprecisos, indefinidos olhos?

Coroas de flores largadas nos campos
apagados   borracha.
Traços de giz demarcando setas e retornos
são me deixam mais confuso nessa perdição de cego.
Perdido em túneis imaginários de

A MORADA DE LUZIA

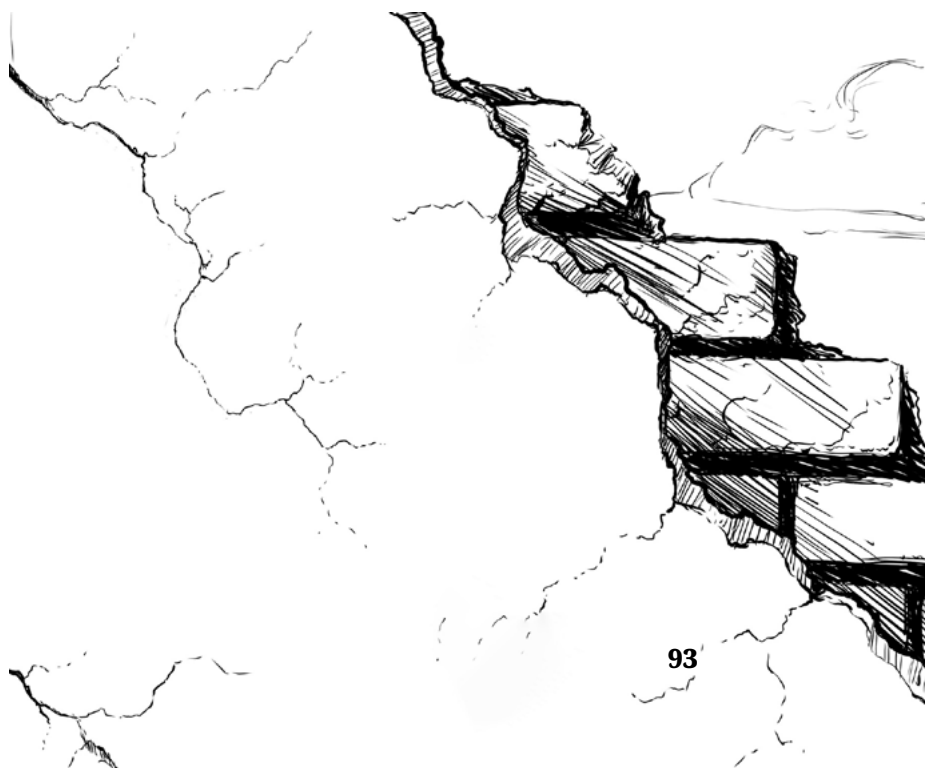
buracos de minhoca, que se unem ao passado;
buracos negros que sugam ventos e ventanias.
Quasares, pulsares e desalentos,
anjo descalço desandando por ruas cinzentas,
tropeçando no descompasso do tempo.
Temporal...intemporal...atemporal,
que já não cabe mais em mim,
que já me evita sorrateiro.
Viajo por inconstâncias e variantes,
em instantes de pura eternidade.

A cada passo oscilante na história,
o vento que me bate às costas é
o vento que me eleva à fazenda suspensa no ar,
e me joga em devaneios para onde tudo brotou
em flor, em bromélias e cactos,
no afiado da sanfona, no pio piado do pife taquara;
nas alucinações barrocas do mestre Galdino;
no véu de estrelas de junho sobre o rosto da Princesa.
A soberana de todos os agrestes.

A MORADA DE LUZIA

Não preciso me encontrar, preciso me perder
no ventre acolhedor de mãe bendita
e jamais sair da posição fetal.

Até adormecer para sempre em meus olhos,
me misturar nas tuas terras
e virar boneco de barro,
Caruaru.





BEM-VINDOS AO
ALTO DO MOURA

O maior Centro de Artes Figurativas das Americas

O MOURA

I

Onde estão as minhas asas?
Como posso voar sem asas?

Não se concebe como algo visível,
é só uma pequena luz brincante,
piscando, piscando, piscando
na menina dos olhos, na menina que se foi no tempo,
do tempo dos cataventos do tempo,
que teima em despertar os olhos adultos,
que não olham a magia como coisa real.
Mas ela está lá, no alto, no muito alto,
com seus balões coloridos aguardando sua chegada.
Alguns vieram em sonhos, como passantes,
se hospedaram em nuvens e deixaram amores
e filhos de barro.

Só uns poucos residem lá, os escolhidos,
onde só se chega com asas,
asas de arcanjo, de águias, de impetuosos falcões;

asas largas com penas largas, compactadas
lâminas afiladas de cortar ventos em fatias.
Asas de sólida envergadura,
que afrontem os vendavais,
as tormentas de raios, os rugidos das trovoadas,
as inquietudes e desassossegos dos ares.
Navegando determinadas,
pela amplitude em desalinho
e quando cansadas, possam planar em repouso,
para depois voar, voar para o alto vertical,
o mais alto possível
(muito além do que imaginou Ícaro)
e com um golpe exato de navalha de penas,
rasgar o espaço em dois gomos
e penetrar em céus entre céus.
Sob os portais da magia
que tece a estrada do Moura.
Arte!

II

Definição de arte?

Asas.

De repente,

As cores das pinceladas mais intensas,

pinceladas violentas de uma alma

estilhaçada,

o uivo para a lua.

Olhos de fogo incendiando cores,

olhos de nuvens ensombrando dores.

Pincel pintando vida e morte, na mesma proporção

de morte e vida a nós delegada.

De imagens únicas de girassóis dourados,

que despertam, beliscam, apertam o nó da garganta.

Pincelando de tinta que chove,

escorrendo no rosto em fascínio.

De repente,
as sapatilhas de cetim em pés torturados,
as pontas deslizando sobre o rastro de luz
do bailado nas estrelas em dilúvio.
Impossíveis saltos, corpos entrelaçados
e mãos que se tocam, que alisam;
que deslizam sobre o torso retesado
em músculos espartanos castigados;
olhos nos olhos na sedução ensaiada;
suores e cheiros que se confundem, que se bebem.
Pliés e jetés interlaçados
a uma música de violas e violinos,
harpas e clarinetas em dó suspenso,
hipnotizando os tímpanos em allegros e andantes,
em solos suspensos nas ondas cósmicas do som,
na regência daquilo que se conhece como alma;
o sentimento em pétalas.

De repente,
poemas que chocam no concretismo
das palavras experimentais nas papilas da língua.
Um soco no estômago inchado de nada,

bílis jorrando da exatidão de cada palavra,
sem vácuo, sem omissão da lacuna,
sem espaço permitido à respiração,
desencantando o canto parnasiano,
de rumos e rimas e o sentido estético
das orações metrificadas.
Não mais.

De repente,
esculturas desarrumando o método da criação,
moldando a vida em conteúdos plásticos
de bestas, deuses e retirantes,
carcaças de cavalos,
abstrações geométricas no ferro, no mármore, no barro.
Desígnios ocultos nas curvas e nos olhos sem lume,
nos dedos hirtos, no semblante dramático,
nos encarando e rindo da morte e de nós.

E de repente temos asas.
Voemos então!



III

(À Vitalino, Galdino, Manuel Eudócio e Zé Caboclo)

Escute, escute!

Eles estão chegando!

Naquela hora neutra da madrugada,
reservada às sombras e aos passarinhos,
na primeira aurora de fogo ou de aguaceiro,
eles se aproximam com passos mansos, solenes,
quase levitando:

os mestres.

Já se pode ouvir o vozerio exaltado,
dos jovens aprendizes, entoando cantos
e percutindo palmas, tambores e apitos.
Alguns, erguendo os braços, dançam
em definitivo êxtase.

Eles chegam empunhando estandartes,
de matizes avermelhadas e ocre:

As cores da terra em que nasceram e viveram
e que algum dia, delicadamente, roerão suas carnes.
Em cada flâmula,
os olhos imperecíveis dos antepassados que tudo vigiam,
as juras desamparadas no ventre largo do tempo,
anseios diluídos na finitude da existência,
saudades requentadas pelas cinzas da memória.
O peso das resiliências
em ombros crepusculares e
centenas de fitas coloridas celebrando a vida.
Eles são velhos e magros, quase incorpóreos,
quase gêmeos na quantidade de rugas abertas
e nas expressões compenetradas e graves,
de quem sabe;
de quem testemunhou;
de quem já voou.

Na cintura, grossos cordões retorcidos,
sustentando cabaças (guardiãs dos quatro elementos).
Do pescoço pendem escapulários e crucifixos de prata,
contra os pecados não expiados.

Alianças e anéis adornando as mãos maestras,
que dão vida ao barro, concebem almas.

Quatro estandartes;
quatro universos estelares;
quatro quadrantes unidos;
pelo mesmo círculo mágico.

Eles chegaram: os mestres.
Da terra, do ar, do fogo e da água.





IV

Pai, mãe, quatro crianças, um cachorro mirrado e um burro velho,
fugindo da bruta sequeidão de terra arrasada,
terra finda, finada que só dá desolação e mortandade.
E o caminho é duro em pleno coração do inferno.
Sem passagem no purgatório.

Só ardor.

Só ardência.

Só ardimento.

Só ardume.

Anos inflamados por um vermelho de febre rude,
rodeando a aurora e circundando o crepúsculo
no rodopio da louvação ao horror,
a dança medonha da serpente do fim.
O sol crônico lambendo os ossos do gado
espalhados pela caatinga desverdeada.
A fuga incauta do sertão cadente, candente...

rumo ao ignorado, ao irresoluto perverso.
Os pés querem ficar,
fincados nas raízes do solo de muitas nascenças,
mas viver é sentimento forte
ou melhor, sobreviver, pois na seca
ninguém vive, sobrevive se arrastando no penar.
Eles não olham para trás,
porque não há nada para se olhar.
No sol cáustico que seca as lágrimas,
o choro fica incompleto, só gemidos sem o pranto,
só as caretas dos ais da alma, sem umidade
para enxaguar
tanta aflição.

O pai carrega um filho escanchado às costas;
a filha tem nos braços o irmão mais novo;
um outro montado no burro claudicante;
a mãe com todos os pertences da família
numa trouxa pendurada nos ombros,
com todo o peso do mundo.
Já não possuem rostos, foram apagados,
só a máscara da desesperança desesperada,

colada e calada, sem lábios nem voz.
O cachorro late intermitente.

E a fome...
a fome que grita, que berra,
que arranha as entranhas com garras de brasa,
que enterra os dentes podres no estômago
e morde...e morde...e morde...
e não para.
A fome que chupa a água das carnes,
protagonizando o esqueleto andante
caminhando para a porta de saída
ou para a morte.

Mais alguns quilômetros e estarão no pau-de-arara,
que os conduzirá à cidade grande:
a suprema incógnita.
O cachorro irá, o jumento ficará ao Deus dará
e à sofreguidão dos urubus.
Carniça.

A violação da partida, o hiato da separação,
a dor de quem tudo se tirou:
a terra, o riso, a saúde, a infância, a vida.
Figuras devastadas em fila indiana,
compelidas ao desconhecido, não pelo próprio querer,
mas pela imposição humana de tentar não morrer.

A cidade grande que os mastiga devagar,
que os engole, que os vomita
nas favelas e na humilhação da indigência perene.
Os retirantes.

Esse é o mestre da terra.



Todo barro é seco;
todo barro é duro;
todo barro é chão, soalho bruto batido.
Até que o pensamento pense;

até que a enxada cave;
até que a água amoleça;
até que as mãos modelem;
até que o fogo purgue;
até que o vento esfrie.
E a obra germina,
e a obra ganha alma vivente
e a obra se move e fala.

Entre a macieza da pétala e a farpa do espinho
saem figuras da intimidade dos medos
presos no calabouço da primeira infância
e soltos à revelia da recusa,
importunando os pudores adestrados em gerações
e destroem sem benevolência,
a zona do conforto estético,
onde o belo é sempre bem-comportado e simétrico.

Seres fantásticos,
pendurados entre o barroco e o surreal,
de olhos esbugalhados, estufados para fora
como umbigos mal fechados.

Olhos furados à canivete, à estilete,
que nos seguem gulosos dentro das noites
dos segredos anestesiados.
Bocas antropófagas com dentes pontudos,
que debocham da vítima antes de mastigá-la
em grandes nacos,
num ritual gastronômico insano
chupando cartilagens e o tutano dos ossos.
O grotesco de quatro cabeças coladas,
sentado mostrando o buraco do sexo,
explícito e arreganhado
no prazer e devoração no mesmo gozo.
Homens moluscos de tentáculos sanfonados,
galopando cavalos-marinhos,
na solidão da caatinga aberta
e a indiferença da lua moribunda no minguante final.

A arte que não tem paz;
a arte que não carrega paz;
a arte que não quer paz.
Só a imaginação pura, sem travas,

sem os rodeios dos bons modos
sem a evasiva do obséquio,
que renuncia provar a taça de pétalas
ofertada após o jantar, sempre o mesmo jantar...
sempre os mesmos convidados...
e seus sorrisos retirados do freezer.

Não!

Agora a mesa está posta no barro
e os convidados têm que tirar os sapatos,
e comer com as mãos coisas simples,
lambendo os dedos, deliciados.

E o anfitrião ergue os braços e eleva a voz:
“Olhem para o ar, olhem para o alto,
pois há diamantes caindo na argila”.

Esse é mestre do ar.



Cores cores cores multicores derramadas por grandes olhos amanhecidos de auroras entardecidos de ocasos anoitecidos de estrelados cachos de estrelas penduradas à toa no abismo prateado de luares evasivos lumiando a luz à lumiar o verniz profundo esculpindo tonalidades de tons totens de cores cores de cores pinceladas no maracatu descendo as ladeiras rugosas do cosmo aceso de luzes pirilâmpadas na signa matriz da porta estandarte calunga é rainha morta finada padecida nunca esquecida as saias rodadas baianas enfeitadas de rosas mais rosas damas circulando o círculo circulador do tempo rodado nos galhos dobrados da Via Láctea rodando no sem fim do espaço do passo à passo no paço do metro metrificado de cada espaço de terra na terra que enterra os sonhos aferrados do eterno desterrado da sua terra catirinas dançantes puxantes das noites dançadas nos terreiros dos quilombos perpetuados no dia a dia cumprido na vida comprida que no fim final nunca tem fim tambores de todas as dores dores chocalhos chacoalhados no compassivo compasso compassado do gonguê africanizando o som sincronizando o som ritmando compassando o

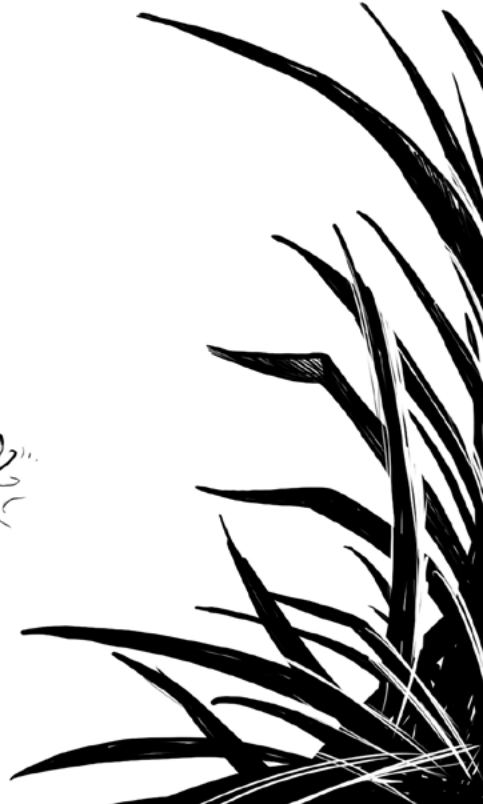
passante passo da rainha e do rei xequerê e calunga
na mão direita da dama do passo do giramundo do
mundo girado do viramundo do mundo todo virado e
revirado revirando e misturando a mistura das cores
cruas do barro cheguei meu povo levante a bandeira
toque o gonguê dança rainha minha rainha Esmeralda
e a rainha dança altiva em total majestade no chão
do Moura na espiral de pó solto no ar de todos os
ares de todos os mundos no pulsar dos corações das
alfaias tudo no universo é verso e reverso no contra
verso do verso sem rimas do movimento inverso do
multiverso Galáxias de Campos desarrumadas sobem
em transloucado sem rumo no corrimão energizado
que separa o tempo (do tempo) e o espaço (do espaço)
átomos se movem no moinho do redemoinho da
dança por que tudo é dança dança a dança da criação
e destruição dança morte e ressurreição renovação
dança o boi caixas pandeiros matracas o boi funga
peida baba chifra arrasta as patas pés de animal de
pano humano e arremete corre vagueia nos prados
brejeiros da caatinga quebra e requebra e pula rodopia
foge e pula e corre nem desconfia a força do desejo

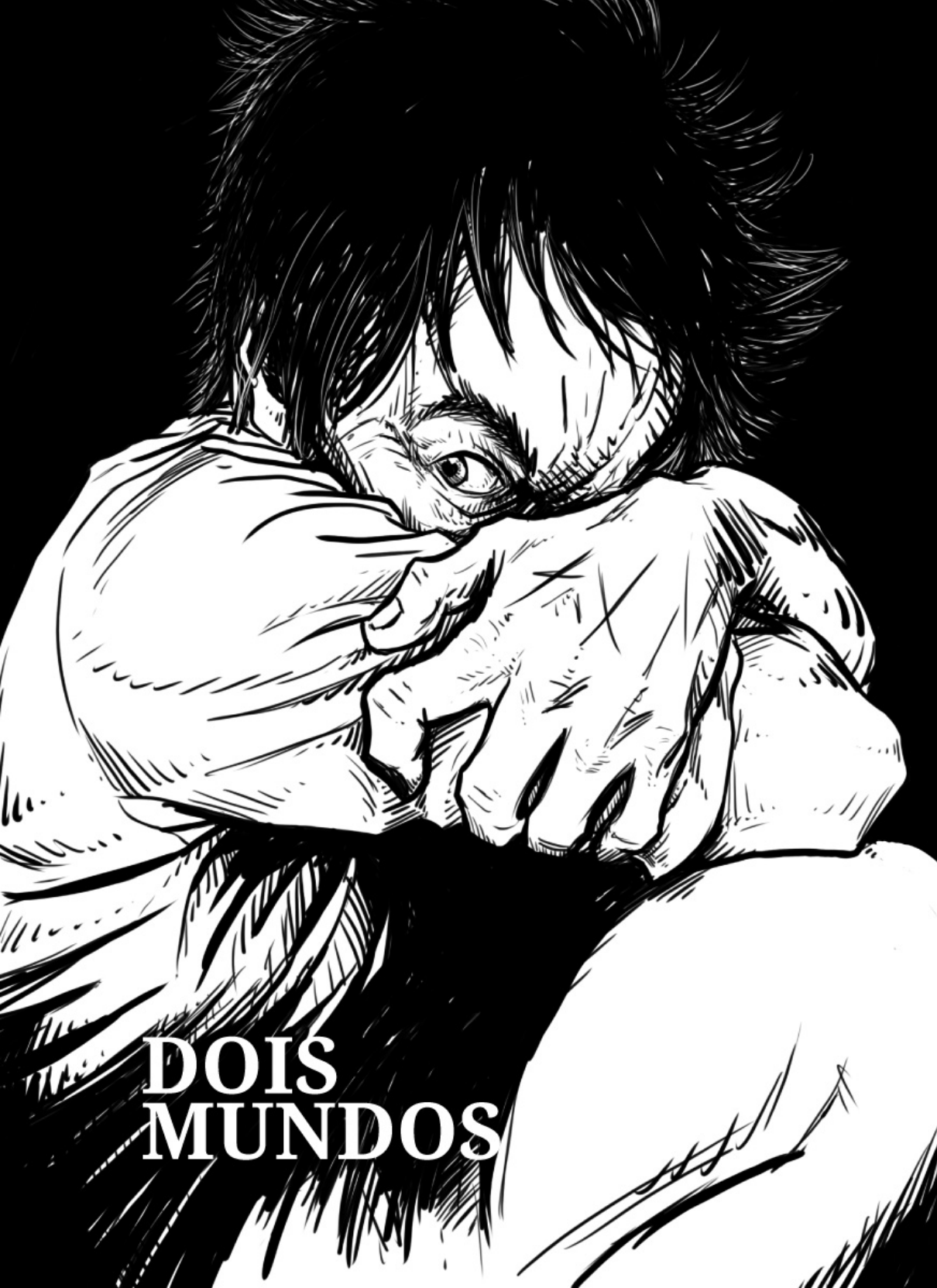
a força irrefreável do desejo de mãe Catarina catita
catirina preña emprenhada em noite de luar escasso
em contrapasso da luaragem luarosa dos alongados
céus nordestinos o desejo desejado da língua do bumbá
pai Chico pai Francisco a lâmina que reluz na mão de
Mateus o corte profundo o boi sangra de boca aberta a
morte é vermelha e líquida que se derrama em ramas
enramadas no chão de encarnado carmesim e um
odor de cerejas maduras o boi caído esvaídas veias
secas secadas ressecadas no chão jaz sem língua e sem
ânima as matracas matraqueiam agourando o tempo
do fim o agouro gelado de dentes rangendo de portas
batendo do pouso do rasga mortalha no alpendre e
veio o sopro ventoso a brisa o bafejo desfazedor da
dor fina e continuada três sopros dois curtos e um
comprido e a ressurreição do boi bumbá bumba meu
boi o calemba muge pula pinota chifra quem estiver
pela frente e todos dançam a dança da dança cósmica
de Shiva do barro dos encantados do Moura enquanto
voam as borboletas bêbadas de cor.

O MOURA

Lampião e Maria Bonita;
bem antes de Angicos;
bem antes da emboscada;
bem antes do último pôr do sol...
pareciam felizes.

Esses são os mestres do fogo e da água.





**DOIS
MUNDOS**

I

Não sou uma pessoa agradável.
É, sou quase um canalha.

A minha vida foi do até certo ponto.
Arrisquei até certo ponto;
me esforcei até certo ponto;
me embriaguei até certo ponto;
amei até certo ponto...
Nada além disso.
Nada que valesse a pena.

Sempre olhei o mundo
pela fresta de uma janela quebrada.
Não o mundo metafísico,
mas o mundo contundente.
Esse mundo duro, que machuca,
que arde na carne,
como uma queimadura recente.

No espelho não me vejo
quando estou lúcido,
mas o que é estar lúcido?
É uma forma de morrer mais consciente?
De ver o que todos não querem ver?
Vale a pena isso?

Não compreendo meu rosto
no reflexo do mundo contundente.
Apenas o que o mar dos anos revela:
a ruga profunda cavando a testa,
grinaldas de pelancas adornando os braços,
a aridez ressequindo as artérias,
os olhos semi nublados e fundos
preconizando o cadáver,
que inexorável virá.

Cada pessoa tem o seu mundo de dentro, onde
ela se mostra a si e esconde dos outros,
(o nosso cantinho da verdade).

O meu mundo de dentro,
gira ao contrário do mundo.
Não possui continentes;
nem mares;
nem gente;
nem gravidade;
nem leis;
nem eternidade.
Tudo flutua desordenado,
sem controle, sem sentido,
sem chão.

É povoado por fantasmas de todos os tempos:
que rogam pragas, fuxicam,
que falam sujeiras;
que bebem vodka;
que vomitam nas braguilhas das calças;
(enojando os mais sensíveis).
E cospem no brilho da lua;
e dançam, e riem, e zombam
da moral encapada alheia

e mijam na grama das praças,
sobre a esperança dessas vidas atormentadas
(pela utopia da felicidade,
pela obsessão do prazer
e o incontornável vazio da solidão
em cada alma).
E trôpegos me puxam pelos cabelos
com raiva
e urramos alto e cantamos alto
perturbando a vizinhança;
os síndicos;
os pregadores;
os cuidadores;
os encarregados;
e catamos os ossos dos antepassados,
no baú cheio de histórias mal contadas
e mijamos na luz da lua, na lua...
e fugimos cambaleando nessas calçadas oblíquas,
que não levam a nada, a nada
nos camuflando do mundo contundente,
onde os poetas não mais existem
(com seus olhos de cristal e

DOIS MUNDOS

dedos de utopia),
porque a poesia foi morta
no crepúsculo do sonho puro,
no poente da fantasia,
na sobretarde do que foi o amor.

E como é o seu mundo de dentro? Olhe!
Você tem medo?



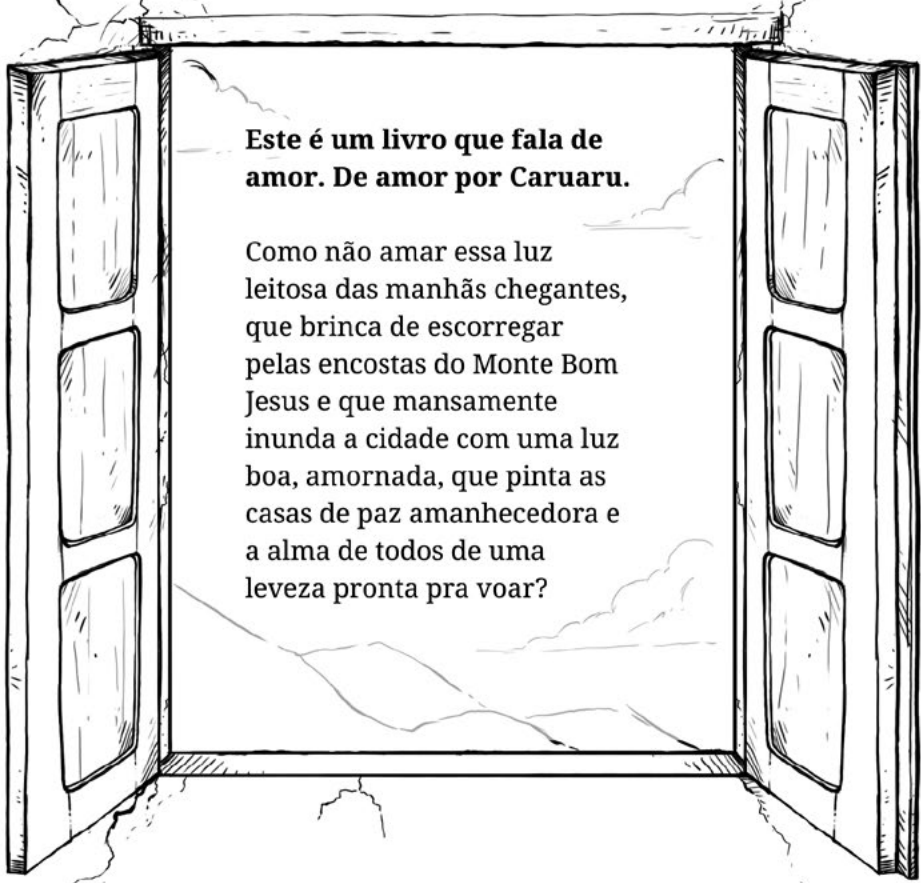


II

Foi um vento agreste que me acolheu
em um país estranho,
e era agosto,
e Caruaru me recebeu com frieza,

pois era agosto.





Este é um livro que fala de amor. De amor por Caruaru.

Como não amar essa luz leitosa das manhãs chegantes, que brinca de escorregar pelas encostas do Monte Bom Jesus e que mansamente inunda a cidade com uma luz boa, amornada, que pinta as casas de paz amanhecadora e a alma de todos de uma leveza pronta pra voar?

MOD
PIX STUDIO

W DIMERON
EDITOR